

Conhecendo melhor o prazer e a sexualidade de meninas e mulheres

Regina Figueiredo¹

Este artigo tem como objetivo apresentar uma visão sintética de alguns aspectos da sexualidade da mulher, atualizando algumas informações que nem sempre profissionais de saúde têm em sua formação. Foi redigido com base em diversas experiências de treinamentos e discussões realizados com médicos, ginecologistas, enfermeiros e outros que atuam com Saúde Sexual e Reprodutiva ao longo dos últimos cinco anos.

Sexualidade física feminina: crescimento e desenvolvimento

É fundamental, para um trabalho em Saúde Sexual e Reprodutiva, ter uma pequena noção do desenvolvimento do corpo feminino e de suas sensações, para melhor atuarmos e entendermos a sexualidade e o funcionamento orgânico das mulheres, inclusive na promoção da saúde preventiva entre jovens e adolescentes e na Educação Sexual de crianças.

A nossa sociedade, devido à falta de compreensão e diálogo sobre sexualidade entre as pessoas, que costuma ser tema tabu entre as famílias, tem evitado que vários conhecimentos já acumulados sobre a sexualidade feminina sejam repassados para usufruto e bem estar das mulheres e seu cuidado. Durante séculos, a esfera da sexualidade foi associada ao sexo e estigmatizada como algo indevido, sujo e desviante, principalmente para as mulheres.

Hoje, podemos nos libertar desses preconceitos e incluir em nossas concepções e ações informações claras e amplas sobre a sexualidade humana, de forma a produzir a produção do cuidado e do bem-estar de todos, em todas as fases da vida.

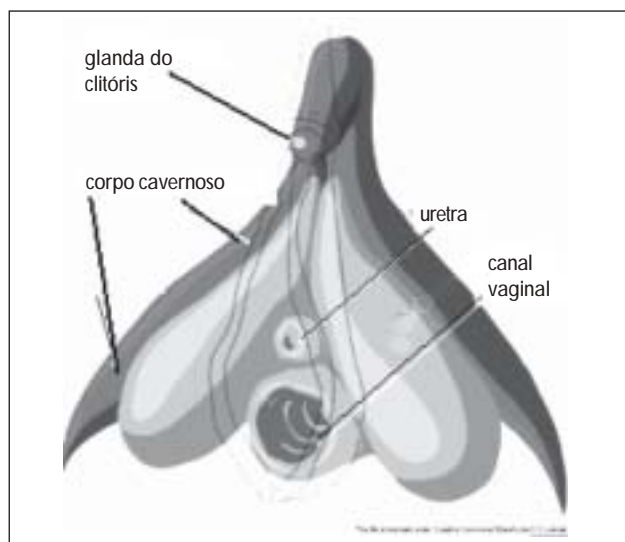
- Clitórís: o órgão sexual feminino:

O órgão sexual feminino de prazer e estímulo é o clitórís; a vagina é o órgão reprodutivo, porém não o de sensorialidade. A vagina, ao contrário do que se pensa, passado os primeiros 2 centímetros, é um canal sem qualquerervação, portanto sem sensibilidade alguma - que só existe interiormente no colo uterino.

O clitórís tem sua formação no desenvolvimento inicial da gravidez (todos os fetos são meninas - X - até o terceiro mês de gestação). Neste terceiro mês, apenas fetos com cromossomos Y, irão modificar esse clitórís, estendendo-o e transformando-o em pênis pela ativação hormonal. Da mesma forma, os ovários (gônadas internas), no caso masculino, descem e saem do corpo, formando os testículos e ficando recobertos pela pele do saco escrotal. Nas meninas essa pele é aberta, formando a entrada da vagina.

Portanto, terminações nervosas do saco e da vagina são similares, apenas, no primeiro, estão recobertas por pele e, na segunda, mais expostas pela mucosa vaginal. Terminações nervosas e formação interna do pênis e do clitórís também são similares: o primeiro numa região extensa, já no clitórís, ficam numa concentração de poucos centímetros, portanto ambos têm potencial de sensibilidade, desejo e excitação similar.

Os dois órgão, pênis e clitórís, têm a parte de baixo (freio) mais rico em enervações, local de maior sensibilidade, ambos possuem corpos cavernosos que se enrijessem e dilatam com estímulo e excitação, irrigando-se de sangue. Essa característica de ereção está presente desde bebês e é mais facilmente visualizada em meninos, porém ocorre de forma análoga entre as meninas (CAVALCANTI, 2006).



¹ Socióloga, Mestre em Antropologia da Saúde e Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: reginafigueiredo@uol.com.br

Durante o processo de ereção que, entre crianças, pode ocorrer por estímulo de contato com algum objeto, temperatura diferente, ou, mesmo, espontaneamente, todo o entorno inferior do clitóris, que também concentra vasos sanguíneos, se dilata, ficando mais vermelho e “inchado”. Até uns 3 anos de idade toda a estimulação local realizada pela criança é casual, pois ainda não há uma percepção específica dos efeitos da ereção.

- Manipulação do corpo por meninas:

Por volta dos 3, 4, 5 anos, conforme a criança, entre ambos os sexos, ocorre a descoberta do próprio órgão sexual. Essa descoberta refere-se, na verdade, a descoberta do próprio poder do indivíduo de se auto-provocar uma ereção (FIGUEIREDO *et al*, 2008). Nos meninos isso é feito pegando-se o pênis; nas meninas - devido ao tamanho pequeno do clitóris -, é feito pela pressão do mesmo e de sua região do entorno. Esse massagear, que meninas realizam com as mãos, objetos ou brinquedos, provoca ereção clitoriana, a famosa “cosquinha” que muitas relatam e é tão prazerosa para elas, quanto a é a ereção do pênis dos meninos para eles.

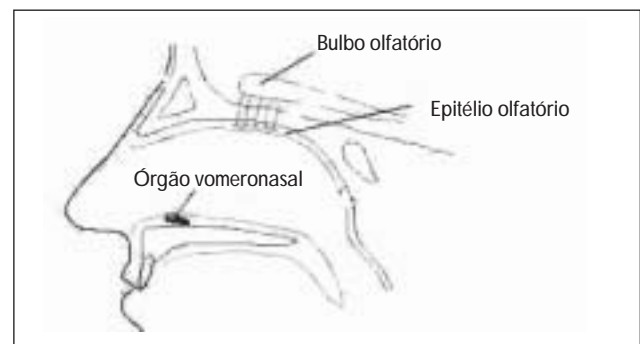
Ao contrário do que diz pressupostos freudianos, observa-se que a menina identifica o seu órgão e busca manipulá-lo e tem prazer e dá valor a sua nova “aquisição”. Fundamentos desta teoria que afirmam que, diferentemente dos meninos, as meninas entram em “latência” com o passar da idade com relação ao próprio estímulo sexual, não se fundamentam, visto que se baseiam na observação do comportamento feminino no padrão ocidental europeu e suas colônias, onde há um modelo delimitado de comportamento feminino que veta declarada ou sugestivamente todo e qualquer comportamento com relação a sua própria sexualização. A antropologia registrou, há muito, em suas etnografias tribais (MALINOWSKY, 1973, entre outros), que em sociedades onde não há uma repressão das manifestações e do interesse sexual feminino, o comportamento entre meninas é tão sexualizado como entre meninos (GAIARÇA, 1986). O que ocorre, no entanto, em todas as sociedades é que a partir dos 6 a 7 anos - período quando, como evidenciou Piaget e Greco (1974), há uma mudança cognitiva infantil que permite a aquisição significativa entre as crianças dos sentidos e das regras sociais. As crianças apreendem as orientações e regras do grupo adulto, inclusive com relação a sua sexualidade, e passam a projetar suas manifestações, cada vez mais, para o espaço privado/intimo, uma vez que são consideradas inadequadas para o espaço público na quase totalidade das sociedades.

É fundamental, também, compreender que toda a manipulação genital feminina ou masculina durante a infância até antes da puberdade **não tem** caráter de

“sexo”, ou seja, não se conota como indicadores para um prática sexual, uma vez que se constitui apenas enquanto descoberta da sexualidade e das sensações do indivíduo com ele próprio: ela representa auto-conhecimento, desenvolvimento e apropriação saudável da própria potencialidade sensitiva-genital.

- Puberdade e desejo sexual pelo “outro”: ação de feromônios:

A puberdade, com suas transformações provocadas pela ação intensa dos hormônios sexuais variam de família para família em seu início. Será ela que despertará o sentido e o interesse pelo outro indivíduo como prazeroso à sexualidade. Nesta fase, não apenas há o amadurecimento das gônadas masculinas e femininas - que iniciam seu funcionamento na produção de espermatozoides e óvulos, respectivamente -, mas também o funcionamento pleno do vômero nasal - órgão interno ao nariz, que capta os feromônios: hormônios sexuais produzidos nos pêlos pubianos e da axila e do entorno dos seios, nas mulheres, e da região peitoral e barriga, nos homens.



A partir desse período da puberdade passa, então a haver uma atração intrínseca por pessoas com alta produção de feromônios - entenda-se: adolescentes e jovens - que passam a agrupar-se motivando intensa sensação prazerosa. Esse comportamento pode ser verificado, não apenas na parceria sexual propriamente, mas no contato físico entre adolescentes amigos, mais observável entre meninas, uma vez que a cultura permite uma aproximação física de maior intensidade entre elas, do que entre meninos - quando costumam ser lidas erroneamente como manifestações de homossexualidade, só podendo ocorrer forma de “brigas de brincadeira” ou brincadeiras físicas.

Isso quer dizer que o agrupamento provocado pela puberdade, que formata a tão famosa “galera”, não é uma escolha, nem uma cópia de comportamentos dos outros, mas sim uma ação física de atração inconsciente observada universalmente a partir da puberdade e durante o início da juventude humana. No meio desta produção hormonal

intensa, captada efetivamente pelo nariz que gera intenso prazer e bem estar - lembremos as declarações de amor e carinho nas agendas entre amigas -, surge a exposição a feromônios diversos e a algum(ns) que serão sentidos, conforme apontam os estudos (GRAMER, 2005), de uma forma especial que produzirá a efetiva atração sexual-erótica por determinado parceiro(a) específico(a). Na maior parte das vezes essa ligação especial se dá com pessoas do sexo oposto, mas é recorrente na espécie humana, que ocorra para muitos, por pessoas do mesmo ou de ambos os sexos, refletidos nas atrações bi e homossexuais.

A compreensão da ação do feromônio e sua potencialização pós-adolescência é essencial para refutar teorias que remetem o início de interesse para a vida sexual como produto da mídia ou observação de cenas de nudismo, uma vez que explica que só há atração sexual na pessoa, quando já houve despertar da possibilidade física de atração por feromônios, portanto, a partir de uma idade biológica que aciona a disposição psicológica e não o oposto.

Toda a produção antropológica acumulada comprova que o interesse dos indivíduos em ter atração e contato sexual entre adolescentes não ocorre pela simples visualização do nu ou de relações sexuais no seu grupo - tão comum nas sociedades tribais tropicais. Só se verificam a partir de uma determinada mudança/condição física que permite tal maturidade. Assim, o comportamento tão comentado entre meninas hoje, deve ser visto como fruto muito mais da recém adquirida liberdade de expressão sexual das mulheres, que por tantos anos esteve contida na História Ocidental Moderna, adicionada a uma cultura atual de exibicionismo público que os padrões de beleza e "ficar" têm remetido.

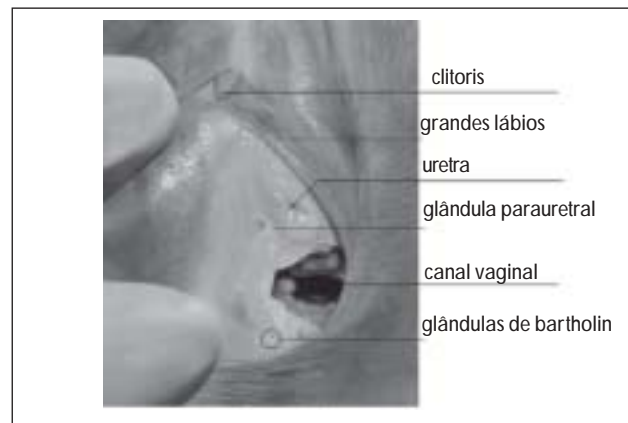
- Prazeres, gozos e orgasmos entre as mulheres: lubrificação e ejaculação feminina:

Se não fosse a repressão, assim como os homens, a maioria das mulheres teria crescido e se conhecido em estágios iniciais de auto-manipulação e conhecimento do corpo que, com a proximidade da puberdade virariam masturbação propriamente dita e, posteriormente, na adolescência ou a partir dela, passaria a visualizar (e até buscar) parceiros sexuais, como sempre se observou na História humana.

A estimulação dos órgãos sexuais femininos por ela mesma, ou por outros provoca intensa lubrificação da mucosa genital. Paralelamente, a prática penetrativa induz à contração vaginal, provocando ainda maior lubrificação no canal vaginal por glândulas localizadas em seu interior. Esse exercício físico da vagina - que é um músculo -, dependendo da intensidade pode provocar contrações vaginais involuntárias, tais como "tremores musculares de exaustão".

Já a excitação do clitóris, provocando a vaso-dilatação do seu entorno e sua ereção, estimula o par de glândulas

parauretrais (glândulas de skene), localizadas junto à parede da uretra. É esta que vem sendo denominada popularmente como "próstata feminina", que, em situação de muito estímulo libera um fluido transparente (ejaculação feminina) durante o ato sexual, que muitas pessoas, por desinformação, confundam com urina.



É importante salientar que a ejaculação feminina ou mesmo a liberação de lubrificação vaginal por espasmos se constituem como gozos físicos e não como orgasmos. Orgasmo é a sensação intensa, produzida no sexo após intensa liberação de alguns neurotransmissores de prazer pelo cérebro. Portanto, este pode vir ou não no momento do gozo físico. Nas mulheres, especificamente, muitas vezes o orgasmo vem independente da ejaculação feminina e pode ou não estar associada a ela, como à maior lubrificação vaginal, da mesma que se observa orgasmo fruto da prática de sexo anal, sem liberação de nenhuma substância local.

Referências Bibliográficas

- CAVALCANTI, A.L. Efeitos do citrato de sildenafila na circulação do clitóris em mulheres na pós-menopausa com disfunção orgástica avaliada por Doppler. Tese [Doutorado]. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- FIGUEIREDO, R. BASTOS, S.; KALCKMANN, S. Sexualidade, prática sexual na adolescência e prevenção de gravidez e DST/Aids, incluindo a contracepção de emergência. São Paulo: Instituto de Saúde, 2008.
- GAJARÇA, J. A. Sexo: tudo que ninguém fala sobre o tema. São Paulo: Editora Agora, 1986.
- GRAMER, K.; BERNHARD, F.; NEAVE, N. Human pheromones and sexual attraction. Viena: **European Journal Obstetric Gynecology Reproduction Biology**, Feb 1;118 (2), 2005, p.135-42.
- MALINOWSKY, B. A vida sexual dos selvagens. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PIAGET, J.; GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.